

A Acadêmica Bertoleza e o Gigante Burocrator

Ou,

De como o Filho da Senhora Feldspato foi parar
em Bigo de Fora

Sendo um Fiel Relato, tanto quanto permite
a Memória, das Esdrúxulas Peripécias Acadêmicas
de um Discípulo do Grande Zweifele em Terra Brasília

Felipe Pait

Real Imprensa Imaginária do Boupinel

© 2006 Felipe M Pait
versão 1.1 β

Esta é uma obra de ficção. Qualquer congruência de sujeitos, verbos, ou predicados com triângulos reais ou virtuais é mera semelhança. 38% de toda a renda obtida com esta publicação será destinada a obras assistenciais financiadas pela Secretaria da Receita Federal.

Copyright 2006 by the author. Some rights, and most wrongs, reserved. No original thoughts have been preempted by this publication. You are hereby granted a nonexclusive license to copy and distribute this work, in electronic or other form, without modification. Print at your own risk.

Os elétrons usados nessa publicação foram testados nos mais modernos aceleradores de partículas e são garantidos contra o decaimento radioativo segundo as normas da Associação Brasileira das Normas de Truco — ABNTruco π -1984.

Sumário

Capítulo 1.	O Dr Feldspato	4
Capítulo 2.	No tempo das válvulas	5
Capítulo 3.	A Acadêmica Bertoleza e o Gigante Burocrator	9
Capítulo 4.	Anônimo do século XX	11
Capítulo 5.	Baduk na cozinha, a Sinhá não quer	13
Capítulo 6.	A Fitolingüística	17
Capítulo 7.	Filosofia de antigamente	19
Capítulo 8.	Mestre e mestrando	22
Capítulo 9.	Em Bigo de Fora	25
Capítulo 10.	Sem fazer barulho, o mar apaga	30
Capítulo 11.	Impressões digitais	33
Capítulo 12.	Litanias estatutamentárias	35
Capítulo 13.	/sbin/dump -0 -f /dev/papr/acidfree	39

CAPÍTULO 1

O Dr Feldspato

O Dr Feldspato é o filho da Senhora Feldspato. Ele é muito capaz. Acaba de voltar dos Estados Unidos, onde estudou com o famosíssimo psicofísico Ernest Zweifele. Esse mesmo. Disse famosíssimo? Nem precisava ter dito. Zweifele, que provou que o tempo é redondo e o espaço é quadrado. Zweifele, o inventor do estilingue de supercordas quânticas. Zweifele, alemão e cidadão do mundo, cujas descobertas tornaram a filosofia impossível e a guerra inútil, mais conhecido por seus hábitos excêntricos e suas opiniões irreverentes. “A Terra só será mundo quando as pessoas forem gente.” Zweifele, além de tudo virtuoso do cravo bem preparado, na maturidade teve um único aluno e discípulo: foi o Dr Feldspato.

Porque só um? Quem quiser saber que leia alguma das excelentes biografias científicas de Zweifele, que não é o nosso personagem. É este o Dr Feldspato, natural do Bom Retiro, neto de um vendedor de shmates — em tucanês neoliberal se diria “representante do setor de insumos têxteis ecologicamente sustentáveis” — professor da Universidade Sideral de Bigo de Fora.

E como é que o único aluno do grande Zweifele foi parar em Bigo de Fora? Façamos uma retrospectiva.

CAPÍTULO 2

No tempo das válvulas

Era no tempo em que os transistores falavam.

O Dr Feldspato estudou na Universidade Rupestre do Boupinel, a mais famosa e tradicional do Brasil. Famosa, pode ser, está entre as 100 melhores do mundo no ranking feito pelo grêmio dos alunos da University of Hong Kong and Shanghai, Pty Ltd. Tradicional, mais ou menos. Bologna, Paris, Oxford, têm quase um milênio. Do alto da Universidade de Memphis, 40 séculos nos contemplam. Mesmo Harvard — onde o Dr Feldspato faria depois seu doutorado — já tem mais de 70 lustros, além de duas dúzias de bilhões de dólares na conta. A URUBU é mais recente — foi fundada por uma grande amiga de infância da avó de Feldspato, a mãe da Senhora Feldspato. E menos endinheirada. Guarda a sete chaves os passes de ônibus e os tickets refeição para uso exclusivo dos catedráticos nas ocasiões solenes. Bom, é a universidade mais antiga do Bairro da Luz, e é isso que importa. A sombra da tradição ecoa nos corredores, seu peso é visível no cheiro do ar. Foi lá que o Dr Feldspato fez a graduação.

Fez a graduação, é modo de dizer. Ele ingressou no curso de Fitolingüística da Escola Profissional de Filosofia. Diga-se de passagem, com a maior média de todos os ingressantes na história dos vestibulares da URUBU: dez vírgula um. Até hoje ninguém sabe como ele tirou esse zero um a mais, especialmente considerando que sua redação sobre o tema “A aliança espúria entre generais corruptos e intelectuais psicóticos” valeu a nota mínima na prova de português: era época da ditadura. Mas isso são águas passadas, e águas passadas não giram turbinas eólicas. O fato é que ele entrou na URUBU com 17 anos incompletos. Como a universidade ficava muito longe, ele não tinha automóvel, e depois que o exército arrombou as portas as residências estudantis ficaram anos desabitadas esperando licitação para a compra de maçanetas, ele levou um saco de dormir e se mudou para a biblioteca, que ficava vazia porque nunca ninguém usava mesmo.

E foi lá que descobriu que o curso de Fitolingüística não era para ele. Não levem a mal: nada contra os professores, a maioria dedicados, vários alfabetizados, alguns brilhantes. Não era desinteresse pelo assunto: o futuro Dr Feldspato (chamavam ele

de “Quartz”, por causa de sua mania de ficar montando osciladores quânticos) cultivava desde o colégio um fascínio pela Fitolingüística. O problema é que passar 5 anos estudando a seqüência ideal obrigatória, começando por Fitolingüística CIV, que era pré-requisito para FTL CII, por sua vez pré-requisito para FTL CCII, esta pós-requisito para Fitoli CXV e requisito simultâneo para Fitoli CDVI, e assim por diante, era dose para alufante. Especialmente dos 17 aos 22 anos, idade de inquietude intelectual e visceral. Você ficava reprovado em um curso, perdia um ano todo. Quem não cola, não sai da escola, diziam.

Já que o negócio era colar, o Quartz passava o tempo jogando Go, e construindo osciladores quânticos. Porque Go? Ele tinha lido no livro de Geometria Diferencial Aplicada que o Go estava para o Xadrez assim como a Filosofia estava para a Contabilidade. Só que no colégio tinha sido obrigatório fazer um assim chamado curso profissionalizante, nem que depois o aluno fosse fazer faculdade em outra coisa. O dono do colégio não era bobo, e oferecia duas opções: Contabilidade e Datiloscopia. Naquela época se dizia que Contabilidade era trabalho para homens, e Datiloscopia era uma profissão adequada para as mulheres. Então os rapazes escolhiam Datiloscopia, para ficar olhando para as moças, que por sua vez escolhiam Contabilidade, para ficar na classe com os rapazes. Se bem que não fazia diferença nenhuma, as aulas eram dadas no mesmo horário, na mesma sala, pelo mesmo professor, que dava revisão de gramática latina para o vestibular. No vestibular não caía nem Contabilidade nem Datiloscopia, então não valia a pena ficar perdendo tempo com formação profissional. O futuro Dr Feldspato, na época ele ainda não era chamado Quartz, mas já era do contra, escolheu Contabilidade. Só que ele não foi com a cara do professor de Latim, então pegou birra da tal de Contabilidade. A única coisa boa era que, como a turma era grande, as aulas eram no anfiteatro novo, que tinha carteiras confortáveis, acolchoadas. Dava para puxar uma pestana. Esse simples fato iria mudar todo o futuro do Feldspato.

Filosofia nunca o tinham forçado a cursar, parecia mais interessante do que Contabilidade. (Foi antes de ele se familiarizar com a obra de Zweifele.) Na verdade era proibido aos alunos de Fitolingüística da Escola Profissional de Filosofia se matricularem na disciplina Filosofia, porque o Departamento de Filosofia reservava a disciplina exclusivamente para os alunos do Ofício de Filosofia. Os assuntos que não eram obrigatórios, eram proibidos, e o que é proibido sempre parece mais interessante. Por isso ele jogava Go em vez de Xadrez.

O leitor talvez tenha ficado confuso aqui. Bom, o Quartz também estava. Só não estavam confusos os catedráticos da Escola Profissional de Filosofia. Esses sabiam exatamente o que devia ser dado aos alunos de cada departamento. Certeza absoluta, sem sombra de dúvida. Ensinavam o que tinham aprendido. A Verdade. E A Verdade Dói. Os alunos de Fitolingüística iam trabalhar na Empresa Brasileira de Fitolingüística, era

na época do monopólio estatal e da reserva de mercado. Não tinham tempo a perder com essas inutilidades de Filosofia! E os alunos de Filosofia iam ser profissionais da Filosofia, a consciência crítica da Nação, seguindo rigorosamente os ensinamentos dos seus professores. Não iriam fazer cursos voltados para o mercado, como Fitolingüística. A realidade objetiva é que o Quartz jogava Go nos horários de aula.

* * *

Quem era bom mesmo de fitolingüística não-aplicada era o Edson. Como sabemos, o Quartz teve a maior média de todos os ingressantes na história dos vestibulares da URUBU. Leia com cuidado: a maior média de todos os ingressantes, não a maior nota da história dos vestibulares. A maior nota de todas tinha sido a do Edson, que tirou dez vírgula quatro, feito até hoje inigualável. Só que o Edson não entrou na URUBU aquele ano porque ainda não tinha o colégio completo. Era mais novo que a turma do Feldspato, que o conhecia das aulas de Contabilidade. O Edson, vejam como era estudioso, puxou Datiloscopia logo no primeiro ano. Não que gostasse de gramática latina, muito pelo contrário, tirou zero bola de latim no vestibular, fato que torna ainda mais impressionante o dez vírgula quatro de média. É que em casa a pressão para estudar era insuportável, então ele puxou Datiloscopia para poder dormir nas carteiras confortáveis.

Depois que foi aprovado logo no primeiro ano a família relaxou um pouco, relativamente falando, então ele pode estudar só o que dava vontade. Nunca mais estudou Latim, nem recebeu o certificado de datiloscopista. O colégio não estava nem aí, ele foi aprovado no vestibular.

Quem complicou um pouco as coisas foi a URUBU. Todo aluno que entrava em algum curso da URUBU logo se dava conta que aquele curso em que tinha entrado não era bem o curso no qual queria entrar, então prestava o vestibular de novo, para qualquer outra coisa, na ilusão de que aquela outra coisa seria outra coisa. E assim por diante, até acabarem as ilusões. O diletantismo do corpo discente causava perturbações sem fim. Como lapidarmente explicava o Prof Marcondes, responsável pelo sistema de matrículas computadorizado: “Para a universidade não existem alunos, nem disciplinas, nem professores. O que existe é o Quíron.”

Aliás, grande pensador, o Prof Marcondes. Devia a fama à demonstração da impossibilidade do cálculo integral em mais de três ou quatro dimensões — como se sabe, nenhum circuito elétrico possui mais do que 2 capacitores e 2 indutores, ou três componentes de um dos tipos. Depois foi lotado em um cargo no sindicato de patrões de empregadas domésticas, ficou muito atarefado, todo ano se desincumbia da mesma carga

didática, então vamos perder ele de vista na nossa história. É pena, tinha grande perspectiva, dava o mesmo curso idêntico havia décadas, e podia afirmar categoricamente que os alunos estavam cada vez piores.

O Prof Marcondes combatia o diletantismo estudantil. Essa história de cada aluno querer fazer qualquer disciplina em que tivesse interesse, e ainda por cima com o consentimento de certos elementos subversivos do corpo docente, estava causando uma baderna. E havia o problema das chamadas vagas ociosas, dos alunos que abandonavam um cursos na equivocada visão de que poderiam fazer algo mais proveitoso. Então a universidade tinha baixado uma portaria que proibia os aprovados de prestarem o vestibular novamente por quatro anos. Queriam disciplinar e racionalizar a utilização das vagas. Além disso, durante uma certa época as vagas nas carreiras foram distribuídas por sorteio entre os aprovados no vestibular, para evitar que os alunos com melhores notas se concentrassem todos nos cursos mais procurados.

O Edson não podia cursar, não tinha o colegial completo, nem prestar vestibular de novo por causa da portaria, já tinha sido aprovado uma vez. Ia perder vários anos, ou ter que estudar fora. Convenhamos, um sujeito com o gabarito do Edson, estudar na Universidade Sideral de Bigo de Fora, que naquela época estava abrindo a Faculdade de Recursos e Redes de Pesca Oceânica, seria um absurdo! Mas nas férias ele foi visitar um tio que morava no interior, lá prás bandas de Uberaba. Fazia um tempo ocorrera um incêndio no cartório lá, então ele deu um jeito de tirar uma certidão de nascimento nova, trocando o primeiro e o segundo nome. Ficou meio estranho, Heisuke Edson em vez de Edson Heisuke, mas ele era muito ligado à família e não ia querer estudar no exterior assim tão novo, preferiu agüentar a gozação. No ano seguinte bolou um algoritmo para tirar exatamente a nota mínima para ser aprovado na repescagem. Não daria um bom engenheiro, não deixou nenhum fator de segurança, mas o algoritmo funcionou. Oficialmente, o 10 vírgula 4 do primeiro vestibular dele não contou. Todo mundo sabia quem ele era, a norma estava sendo desrespeitada, mas legalmente a universidade não podia fazer nada contra ele. Nem queria. Fazer, nunca ninguém queria fazer nada na URUBU.

Nada, a não ser jogar Go. Mas não era com o Edson que o Quartz jogava, o Edson não enforcava aula. Depois conto mais.

CAPÍTULO 3

A Acadêmica Bertoleza e o Gigante Burocrator

“E a Acadêmica Bertoleza? E o Gigante Burocrator?” já deve estar se perguntando meu caro leitor. Deve estar não, está, eu sei. Minha caixa de correio eletrônico já está cheia de mensagens perguntando por eles. “Afinal,” me informam, “tenho grande respeito pelo Dr Feldspato, aluno do grande Zweifele, e a contribuição dele para o engrandecimento da ciência nacional não pode ser menosprezada jamais. Mas sinceramente, não entenderia o que ele escreveu, nem se soubesse javanês. São páginas e páginas de equações a derivadas parciais. O que é mesmo esse tal de sistema de controle alternativo?” O que todos querem ler é sobre a Acadêmica Bertoleza, conselheira do presidente da república, articulista das Notícias Populares, e o Gigante Burocrator, às vezes considerado a eminência parda do regime.

Só posso pedir ao leitor um pouco de paciência. Escrever essa coluna, não sou pago para isso. A verdade é que escrevo no intervalo entre reuniões de departamento, ou no máximo digito furtivamente com o dedo mindinho enquanto ouço atentamente às discussões relevantérrimas, porém intermináveis. “Tenho um relatório de viagem para entregar,” disfarço, quando me pegam teclando às escondidas. Nem o Feldspato, nem a Bertoleza, nem o Burocrator desconfiam que estão sendo observados. Senão, seria o fim da história. Se me pegam, perco o sustento, e não tenho mais nada para contar. Peço calma a todos.

E falando em relatório de viagem, semana que vem estarei fora, então vou escrever qualquer coisa para encher lingüiça. Quem só gosta de prosa nem precisa ler. Mas antes por favor não esqueçam de submeter o pedido de afastamento anexo ao Genial Timoneiro do Præsidium do Conselho Central.

“Solicito afastamento sem prejuízo de vencimentos e demais vantagens durante a semana próxima vindoura subsequente para participar de congresso da maior relevância científica e tecnológica internacional porém não globalizada.

Durante minha ausência serei substituído pelo Ilmo Sr Poeta Dr Anônimo do Século XX.

Sem mais no momento, aproveito o ensejo para reiterar meus mais elevados préstimos de estima e consideração, e atenciosamente firmo-me.”

Onde é que eu assino?

CAPÍTULO 4

Anônimo do século XX

As aulas dos barões encastelados
Na lídima burocracia lusitana
Que à mão do imigrante eram forjados
Por brio e burguesia tropicana
Taperais nunca de antes fenestrados
Por filó, saber, ou ciência humana
Dormindo cabulei manhã e tarde,
Quem mais quiser saber, então aguarde.

O pérfido albião que motivado
De império, por orgulho, ou pela grana
As águas à Traição tinha elevado
Sedento em desbravar a Mogiana
Buscando a rubiácea engendrado
Luz, trem havia, e o bairro do bacana.
É a sede de saber trás espinheiros,
Que não falta, só faltam os dinheiros.

Na várzea do caudal retificado
A muque, foice, burro e motoplana
A terra dura havia sublimado
Escola-mor latino-americana
Moderna tradição, peso do Fado
Província da escolástica anchietana.
Imposto estadual estabelecia,
Nos trópicos, 'fantal academia.

Aos tristes calouros recepcionados
Ausentes mestres, com burocracia
Dos burros os cartões perfurados
Presentando, o bedel lhes exhibia
Centenas eram cursos ofertados
O monstro inflexível que escolhia.
 Pretende catedral ser do ensino,
 Burocra enorme, aluno pequenino.

Se encontrando em ano tal interessados
Por assunto em que existia especialista
Professor que os havia aceitado
Como alunos e ouvintes, uma lista
De estudantes todos muito dedicados
Dirigiram petição bem realista
 Ao Gigante que o saber lhes denegava,
 Burocrator, que os cartões esquadrinhava.

Um lustro todo havia repassado
À sombra inolvidável dos gigantes
Tremor percebido e escutado
Sutil qual revoada de alufantes
Negando o que haviam demandado:
 “Para nós nem cursos nem os estudantes
 Existem, nem professores,” ouviram,
 “Pra URUBU o que existe é o Quíron.”

Porém já seis verões eram passados
De estudos toda hora da semana
Que jovens nunca dantes reprovados
(Fadiga e provarada desumana)
Buscando o alvedrio diplomado
Clamavam, despeitando a regra arcana:
 “Colando fugirei com perna forte,
 Se a tanto me ajudar paiol e sorte.”

CAPÍTULO 5

Baduk na cozinha, a Sinhá não quer

Como contávamos, o Quartz jogava Go com seus amigos.

Mas não jogou por muito tempo. Os torneios de Go eram disputados na “cozinha”, a sala de jogos do Grêmio Recreativo dos Estudantes. Outrora, diziam, a cozinha tinha sido um laboratório de alquimia. Como não havia mais curso de alquimia na Escola de Filosofia, a sala teria ficado vazia, e era usada pelos alunos. Era um daqueles mitos persistentes, como o que dizia que o prédio tinha sido construído de cabeça para baixo, aterrado pelos pára-raios e com as calhas levando a água servida. Todo mundo repetia que era por isso que a faculdade cheirava mal. Decerto não era verdade, mas não havia meio de desmentir, porque o projeto de arquitetura estava guardado no cofre junto com os passes de ônibus e os tickets refeição dos catedráticos, e o funcionário que sabia a combinação não era muito assíduo.

Mais duvidoso ainda é que um antigo laboratório de alquimia tivesse sido abandonado. Se houve um laboratório, é porque houve uma cátedra. E se houve uma cátedra, havia um catedrático. O catedrático de alquimia teria decerto contratado um adjunto, que por sua vez teria um assistente e um mestre de conferências, cada um desses um lente, e os lentes seus auxiliares. Com a extinção da cátedra, a essas alturas já teríamos um ou dois departamentos de alquimia se revezando no uso do mesmo equipamento comprado com verba da Aliança para o Progresso. Talvez até, dependendo das personalidades, uma faculdade de alquimia, com a Sala de Reuniões da Congregação da Faculdade de Alquimia ocupando o antigo laboratório, que agora já teria um mezzanino para as secretarias das seções de comissões dos conselhos dos departamentos de Alquimia Marxista, Alquimia Bombástica, Alquimia Paracelsa, e Alquimia Experimental. As disciplinas Alquimia Geral I e IV, com o mesmo conteúdo mas ministradas por departamentos diferentes, seriam obrigatórias para todos os primeiroanistas da URUBU, tal o peso da representação dos alquimistas no Conselho Universitário.

Alunos interessados, poucos, a alquimia anda meio fora de moda, a não ser que o Ministério da Ciência e Espeleologia tivesse em algum momento exigido que toda empresa contratasse um alquimista responsável.

Isso não ocorreu. Afirmo e provo.

DEMONSTRAÇÃO. Se tivesse ocorrido, haveria vaga para alquimista, e se houvesse emprego para alquimista, emprego daqueles como salário, o catedrático não teria logrado contratar seus adjuntos e assistentes. Quem teria aceito receber aquela miséria que pagava a URUBU? Nunca teria se formado um departamento. Sem departamento, não haveria quem convencesse o ministério da necessidade de baixar portaria regulamentando o ofício de alquimista. Reductio ad absurdum. Ipso facto. A fortiori. Quod erat demonstrandum. Omen v'omen. \square

Se tivesse existido o lendário laboratório de alquimia, ele existiria até hoje. Como não há, sabemos que nunca houve mesmo. Quem quiser tirar a dúvida, é só consultar na biblioteca o opúsculo “A Escola Profissional de Filosofia no Brasil tem um Passado Glorioso e um Futuro Promissor”. Se conseguir achar. Da última vez que olhei, constava como “indisponível” no catálogo. Dizem que um ex-ministro montou sua afamada coleção particular de livros raros e caros com volumes retirados da biblioteca da URUBU, sei lá se é verdade. Procurem o Feldspato e perguntem, ele morava na biblioteca, talvez saiba.

De qualquer modo, entre um mito e outro os alunos usavam a cozinha como área de recreação. Até que um dia a “Sinhá,” decana da faculdade, baixou uma portaria proibindo o jogo de Go, que por sua complexidade tomava tempo de estudo dos alunos. De fato o Go, ou Baduk como dizem os coreanos, apresentava potencial subversivo considerável. Mais até do que o Xadrez, o Go é um jogo–arte–ciência que destrói as separatrizes disciplinares tão indispensáveis ao funcionamento salutar de uma universidade onde a diversidade das tradições acadêmicas das várias especialidades e feudos precisa ser respeitada.

Apesar de que às vezes derrubava as pedras no tatami, o Quartz até que tinha aprendido a jogar direito, e quis continuar jogando às escondidas, virar um enxadrista novo, ou cripto-goísta, sei lá. Mas não tinha mais ninguém com quem jogar. Depois da proibição do Go, ele se juntou à dupla de truco do Madeira. Dupla de bom naipe, em geral ganhavam. Foram os dois levando a faculdade assim, jogando truco e montando osciladores. Aliás, durante a época da reserva de mercado, a lojinha não dava para nada, tanto um como o outro pagaram os estudos fabricando e vendendo osciladores.

* * *

Algum leitor deve estar imaginando que a decana, autoritária, intolerante, reacionária, interferindo na vida dos estudantes em vez de se preocupar com o ensino, poderia ser a Acadêmica Bertoleza. Estaria redondamente enganado. Nada mais longe da

verdade. Perante os alunos Bertoleza era uma democrata, uma verdadeira cientista. Respeitosa e encorajadora, era admirada pelo corpo discente. Ensinava, corrigia trabalhos e provas com firmeza e justiça, em geral depois de tê-los até lido com os próprios olhos. Não era desses picaretas que chamavam um amigo para dar palestra no horário da aula e nem apareciam para trocar a lâmpada do retroprojeto. Aluno fareja picaretagem à quilômetros de distância, como um guaxinim fareja um pacote de salgadinhos esquecido fora da barraca no acampamento. [Ed. A metáfora do guaxinim foi mal escolhida. Dele?] Sente o cheiro, e fica longe. [Stet. Tenho um outro prazo estourado. É o perigo de raciocinar por metáforas. Você não fez o curso de lógica da Bertoleza?] A picaretagem, nunca ninguém esconde dentro do porta malas do automóvel. Quem mais produz é quem menos tem consciência. [O curso, ou os artigos em jornal?] Fica exposta aí, para quem passar por perto, com ou sem máscara de pilantra cobrindo os olhos, ver e cheirar, estilo Rei Nu. [A pergunta era retórica. Aquele seu tablóide, eu sei que você é o único editor que lê todo, e no tempo de escola você era o maior tiete.] A Acadêmica Bertoleza era a maior responsável pela pujança dos cursos de pós-graduação da Escola Profissional de Filosofia. Os alunos de graduação vinham, não porque servisse para alguma coisa, mas porque os outros cursos também sei lá para que serviam, era de graça mesmo, daí faziam o curso dela, eram tratados como gente, e acabavam ficando para a pós-graduação. Pelo que estavam pagando por aí, não valia mesmo a pena trabalhar.

O resto do corpo docente orientava os restos da turma da Acadêmica. O programa de fato era ela. Como orientadora, era um modelo de dedicação profissional. Estimulava a pesquisa criativa, escolhia temas apropriados para as habilidades e interesses de cada um, obtia bolsas de estudo e financiamentos para a pesquisa empírica, lia e corrigia cada linha de artigos e teses, e finalmente usava seus contatos para garantir o emprego de cada um dos recém doutorandos. Nesse último ponto, ela que não nos ouça, seguia o modelo das melhores universidades norte-americanas. E toca a arrumar emprego! Eram alunas e alunos, dezenas por ano, a consciência crítica da nação, presente em cada subseção de cada repartição pública. Analisando. Criticando. Verificando. Bloqueando. Obstaculizando qualquer iniciativa que pudesse por em perigo os grandes valores da nação. Levantando objeções contra concessões contrárias às nossas conquistas. Defendendo os direitos adquiridos contra a ameaça do produtivismo neoliberal. Reiterando, embargando, contra-desembargando, contra-reformando, e contra-torpedeando.

Tinha gente que achava que era um pouco de exagero. Melhor criticar um pouco menos, e deixar alguém com a formação superior da URUBU, afinal de contas para o bem ou para o mal todos concordavam que se tratava de uma elite intelectual do país, alguns formandos, dizíamos, até que poderiam estar pagando impostos em vez de viver às custas do contribuinte. Essas críticas vinham sempre dos setores mais reacionários, sem espírito crítico, a serviço do grande capital, libertário, globalizado, e apátrida. Eram

fruto do ressentimento mais mesquinho, em geral de pessoas que não tinham completado seu doutoramento na URUBU.

Até algumas figurinhas que nós já já vamos encontrar..... Mas depois a gente volta para elas. Estávamos falando da Acadêmica Bertoleza. Em primeiro lugar, não tinha apelidos. Gostava de ser chamada pelo prestigioso título, Acadêmica nos dê a honra, Acadêmica faça a gentileza, Acadêmica tenha a bondade de nos informar... Porém não tinha ambição pessoal de poder. Ela não era, nem nunca teria sido decana. O nome dela sempre era lembrado nas horas das eleições, mas nunca aparecia nas listas tríplices. O pessoal das teorias conspiratórias dizia..... isso mesmo, que era uma conspiração da mídia internacional e do capital apátrida com o partido do governador. O governador mudava de partido, o partido mudava de governador, a teoria da conspiração continuava. Pura calúnia. Uma campanha para formação de lista tríplice é uma coisa séria. Exige dedicação e tempo. E tempo era uma coisa que a Acadêmica Bertoleza não tinha. Pois não dissemos que ele lia todas as teses de seus alunos? E para falar a verdade, escrevia uma boa parte delas? Sua dedicação aos alunos era total. Qual foi a última vez que você viu um pré-candidato a membro suplente do colégio eleitoral para formação de uma lista tríplice se aproximar de uma sala de aula? Quando foi, me diga. Sei, sei, quando fizeram a inauguração da placa comemorativa da sala 3,14R2 da caixa forte do Tio Patinhas.

“Essa placa comemorativa foi doada pelas Empresas Reunidas Patinhas, sendo Decano da Escola o Ilmo Sr Prof Dr Fulano de Tal, estando presentes os Pré-Candidatos a Membros da Lista Tríplice os Ilmos Srs Profs Drs Sicrano de Qual e Beltrano do Val, etc. etc. etc.”

Depois disso, mais alguma vez? Aquela sala 3,14R2 está trancada até hoje, que é para ninguém afanar a placa. Isso, vocês chamam de sala de aula?

Não havia conspiração. A Acadêmica Bertoleza não concorria a lista tríplice por absoluta falta de tempo, e por não ter ambição pessoal. Era incorruptível. Esses elementos são os mais perigosos. Pode anotar, para depois conferir.

CAPÍTULO 6

A Fitolingüística

O engraçado é que ninguém tinha deixado de gostar de Fitolingüística. O interesse vinha desde o colégio, quando liam revistas científicas às escondidas durante as chatérrimas aulas preparatórias para o cursinho. Havia uma competição informal entre os colegas no colégio. O objetivo era escrever um programa de régua de cálculo a válvulas que resolvesse os problemas do Manual de Exercícios de Fitolingüística Superior¹, com o menor número de milibytes possível. Quem conhece a pesquisa do Dr Feldspato talvez reconheça esses nomes. Pois era o mesmo Rokhlin que demonstrou o Princípio do Mínimo Esforço de Ivanov — resultado fundamental, depois estendido por Feldspato, acerca da impossibilidade de um político corrupto ver o sol nascer quadrado. “Quem, então,” perguntaria o leitor, “escolheu o nome Princípio do Mínimo Esforço de Ivanov?” O próprio Rokhlin responde: “Fui eu.” “Porque você o denominou Princípio do Mínimo Esforço de Ivanov?” uma vez tive ocasião de indagar a Rokhlin. “Porque Ivanov me mandou dar esse nome.” O Acadêmico Ivanov era membro do partido. Rokhlin, com esse nome, nem precisa perguntar.

Isso era na Rússia. No Brasil, onde ninguém prestava muita atenção aos eventos do além-mar, era simplesmente um texto bom, barato, e popular. Quem conseguia resolver os exercícios usando uma régua de cálculo de 5 milibytes, geralmente acabava expulso da sala de aula em menos de 4 minutos. A primeira a terminar era sempre a Carolina. A Carolina era muito tímida e dada às orações. Chegava nas aulas ou cedo demais, ou meio atrasada, sentava no fundão, e adormecia, ou ficava lendo poesia em línguas clássicas. Não chamava muito a atenção, exceto quando pegava a régua de cálculo. Daí a turma suspirava. Ou então quando alguém trazia um violão e ela cantava. A filha, que não tem nem de longe a mesma voz, hoje é música, concertista de sucesso. Apesar do talento, a Carolina tinha medo de prova, e não entrou na URUBU. Mas não precisa ficar com saudade: mais tarde ouviremos notícias dela.

¹Livro texto de autoria do Camarada Acadêmico Prof Dr Yu I Ivanov, escrito pelo Candidato em Ciências B Ya Rokhlin, baseado nas notas de aula do curso de Fitolingüística Avançada da Universidade Tsar Nicolau de Todas as Rússias, volume impresso em português, em Moscou, no ano 67 da Generosíssima Revolução.

Então chegando na faculdade, os alunos conheciam mais o cálculo fitolingüístico do que os professores. Mas esse não era assunto para calouro, para estudá-lo o aluno precisava de muita maturidade, então o cálculo só era ensinado no curso de FTL CCDXXXI, a partir do terceiro ano. E até chegar lá tinha toda uma seqüência de pré-requisitos..... A maior parte dos alunos desistia. Tinha ano em que não se formava nenhum dos 60 mil alunos do Boupinel. Daí mudavam a lei do jubramento, faziam uma anistia, davam diploma retroativo, mudavam o sistema de opção, suspendiam a aplicação da lei do impedimento, aceitavam o manifesto de Glasgow, criavam comissões de estudo, chamavam o trem da alegria, davam um jeito.

* * *

O Quartz tinha um colega, o Winston, que adorava cinema. Via todos os filmes. O Winston era muitíssimo bem educado, culto, de ótima família. Franco-egípcios. A mãe e o pai eram arquitetos, sócios de um escritório de renome internacional, trabalhavam até altas horas. Por isso era o Winston que tinha que ajudar na lojinha do avô, que era o que sustentava a parentela toda. Passava a tarde atrás do balcão, acompanhado do último número dos “Cahiers du Cinéma” que mandavam vir da França. O francês, diga-se de passagem, era quase a segunda língua de berço. Quando o movimento estava fraco, como no tempo do Plano Racional, projetava um filme antigo no escritório da sobreloja. Depois do fechamento, aproveitava para pegar um teatro na cidade.

Geralmente chegava na escola tarde, mas bem humorado. Se por distração ambos esqueciam de cabular a mesma aula, o Winston dizia:

— Você aí na aula de Anti-Globalização II, Feldspato — chamava o colega pelo sobrenome — está parecendo o Woody Allen visitando a família da noiva. Vamos ver aquela retrospectiva no cineclube, está passando “A Viagem de Blaise Cendrars ao Brasil,” que eu tenho mesmo que estar na cidade à tarde.

Após a formatura, o Winston fez concurso para juiz de futebol. Logo depois estourou aquele escândalo, aplicaram a regra dos 3 escanteios seguidos é pênalti no quadrangular final. Vocês lembram, o Brasil quase ficou fora da Copa. O Winston era o único que não ficou com o nome sujo. Teve uns anos que ele teve que apitar sozinho todos os jogos do campeonato, menos os que mandava o time da Casa Correcional, esses tinham uma dúzia de árbitros. Hoje o Winston tem um cargo importante na Federação Esportiva, nas horas vagas é produtor de curta-metragem.

CAPÍTULO 7

Filosofia de antigamente

Voltando do Boupinel, para chegar em casa tinha um congestionamento mais largo do que comprido. Era proibido atravessar a pé, porque atrapalhava o fluxo dos automóveis, diziam, ainda que os carros não estivessem andando mesmo, que diferença podia fazer? O problema real é que se algum motorista desistisse de esperar e saísse a pé, o carro ficava parado no meio do congestionamento, só dava para tirar de helicóptero, então baniram os pedestres para evitar que os motoristas safados abandonassem os carros. Durante a semana, então, não tinha como sair do Boupinel. Em domingo de feriado prolongado a cidade ficava mais vazia, em vez de multar pedestre a polícia ia para a praia complementar o salário, dava para atravessar a pé. Quando chovia alagava tudo, não tinha jeito. Antigamente, havia menas dificuldades, o povo ia de carro de boi. Mas daí veio o governo do Partido da Linha Albanesa-Búlgara-Cambodiana. O PL-ABC proibiu a importação de carroça — a carroça importada fazia concorrência desleal ao similar nacional. Daí veio o Plano Negativo que proibiu o consórcio de carroça usada para controlar a inflação, então na época de chuva metade dos alunos estudava em casa, a outra metade morava na escola. Se estava seco o Quartz ia visitar a avó, que contava as histórias de antigamente, quando a universidade era nova.

— Não tinha biblioteca, e era difícil encontrar os livros. Mas tinha o Cerqueira, era filho de um advogado que viajava muito, e mandava trazer livros da França. Então nós escolhíamos os cursos de acordo com os livros que tínhamos em mão. Tinha o curso de História do Professor Goscinny, o fundador da escola armórica, que começou a carreira aqui na América do Sul..... Da França vieram o Charcot, o Pinel, o Joue Quéry. Da Itália o Strozzaprete, o Polentano.....

— E da Espanha, veio alguém, Avó?

— Não, o Torquemada não foi da nossa época.

O Feldspato falava da URUBU da época dele, que a avó nem sabia bem onde ficava.

— Hoje tem biblioteca, um prédio grande, tem um monte de livros, mas ninguém lê. Para consultar precisa da segunda via atualizada do atestado negativo de empréstimo

atrasado de livros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Só que a Biblioteca Nacional está em greve, então o atestado já não sai desde a turma de 8 anos atrás. Por isso o material didático é todo em xerox de Powerpoint. Ninguém usa mais os livros. Há 4 meses estou morando na biblioteca, lá perto do 516.36 Dewey Decimal, e ainda não vi ninguém.

— No Quinhentos e Dezesesseis Dewey? Mas como! Não há cortinas no Quinhentos e Dezesesseis Dewey! Isso é uma falta de respeito para consigo próprio.

— Avó, sabe como é, está em licitação. Essas coisas demoram. É todo um processo complicado, não é só ir lá na 25 de Março comprar uma cortina.

Falando da 25 de Março, mudava de assunto. A avó gostava muito do Winston, perguntava sempre por ele.

— Quem fez faculdade na minha época foi um tio-avô do seu colega, o... Nelson.... Wilson?

— Winston, Avó.

— Do Winston! Como ele vai? Que rapaz educado, culto. Seu pai se dava muito com a família dele.

Ela queria dizer avô, o falecido marido, o pai da Senhora Feldspato, o neto entendia, o leitor que não se confunda.

— Houve aquele tal Plano Natural. Os federais bombardeavam a Luz com maços de milréis desvalorizados, e os legalistas do outro lado do rio despejavam embargos à arrematação. Quando tinha plano econômico os fregueses sumiam.

— Engraçado, hoje ninguém ensina sobre o Plano Natural nos cursos de história do Boupinel. Talvez os fatos interfiram com o tratamento das grandes questões teóricas. Vou procurar ler alguma coisa na biblioteca.

A avó continuava contando. Não imaginava que essas histórias fossem de interesse para os historiadores, aparentemente os historiadores também não.

— As lojas do seu pai e da família do seu colega ficavam bem no meio, então todos punham colchões na janela para se proteger da soldadesca. Quando parava a fuzilaria eles traziam a mercadoria para a loja da Rua José Paulino, e o seu pai levava os trapos dele para a Rua 25 de Março. Assim ao menos o estoque não ficava todo parado.

Eram os mesmos shmates, ela traduzia “trapos,” tinha nascido no Rio de Janeiro, não respeitava muito esse pequeno comércio, nem mesmo o do marido. A exceção era a loja da família do Winston, que sustentava intelectuais, artistas, cientistas. De fato era gente muito fina.

* * *

Falando na loja, como é que o Winston conseguia chegar lá toda tarde? Muitas vezes ele pegava carona com o Ourinhos. A família do Ourinhos era do interior, lá pelas bandas do Paraná. Naquele tempo a estrada ia só até Ourinhos, o resto era em lombo de burro, daí o apelido. O Ourinhos tinha feito o sistema de automação quando o Banco dos Contos de Réis comprou o Banco dos Contos de Fadas. Quando tinha dinheiro na mão, não deixava parado, gastava na hora, ele sabia como operavam os bancos. Então ele comprou um Land Rover. Era o único que conseguia passar por cima de todos aqueles carros abandonados. Quando visitava os clientes nos bancos, dava carona para o Winston.

Só que daí montaram o curso de Internet Banking da Faculdade de Automação. Logo regulamentaram a profissão de Engenharia de Automação Bancária, e só podia dar manutenção no sistema que o Ourinhos havia projetado quem tivesse diploma de nível superior na área. O Ourinhos, que não tinha se formado, perdeu o contrato do Banco dos Contos do Vigário. O Land Rover pifou, e o banco eletrônico também. Para consertar o Land Rover, tinha que fabricar as peças ele mesmo, na oficina do Prof Maxwell. Quem ajudava era o Maxwell Júnior, era moleque na época, mas já era habilidoso. Já os caixas automáticos parece que não houve jeito. Consertar ele até consertaria, mas o Júnior não tinha diploma, não era permitido. Jogaram todos fora naquela época entre o Plano Irracional e o Plano Real. O Ourinhos se cansou, e desistiu da escola. O Land Rover acho que anda está numa garagem de bairro, lá perto de casa.

CAPÍTULO 8

Mestre e mestrando

O caro leitor há de recordar que fazer a graduação o Quartz não fez, foi sempre passando de acordo com o Princípio do Mínimo Esforço de Ivanov. Até o último ano. Daí arrumou um emprego, e logo foi acometido de violenta reação alérgica. Ficou dois meses acamado, com febre cerebral, e deu vontade de voltar a estudar. Na URUBU mesmo, não tinha mais muito jeito. Os colegas do colégio, com quem tinha aprendido o que sabia de fitolingüística, o aconselharam a ir estudar no exterior. Se reuniam nos fins de semana para preencher formulários e estudar para as provas.

Na Escola tinha um tal Professor Smith, que diziam ter uma vez estado na Inglaterra. O Prof Smith tinha uma grade ilusão — a Escola Profissional de Filosofia; e uma grande desilusão — os alunos, incluindo os da Escola, e em especial seus colegas professores. Nosso herói tinha feito o curso do Prof Smith, e aparentemente se saído bem. Aparentemente, digo, porque não dava para ter certeza. O Prof Smith às vezes preparava aula, mas às vezes não, e não corrigia prova. Então metade da turma tirava 9, e a outra metade tirava 5,5, a não ser que ficassem todos com 6,75 ou coisa dessa ordem. Não havia preditor que predissesse a nota do Smith. De qualquer jeito, o Feldspato, que ainda não era doutor, mas já era quase fitolingüísta, achava que tinha ido bem na matéria e foi pedir uma carta de recomendação de Smith. Não aquela Carta de Smith que vocês não conhecem, aquela era de outra matéria. Nunca tinha entendido nada, só mais tarde é que o Feldspato foi orientar um doutorando que precisava surfar na carta de Smith e teve que descobrir de que se tratava.

Bom, ele foi pedir uma carta de Smith. E o Prof Smith disse que para receber uma carta de recomendação de um professor da Escola o aluno primeiro tinha que fazer o mestrado, depois fazer o doutorado, e só depois de ler toda a bibliografia é que ele podia começar a pensar em pensar independentemente, para pleitear um cargo de auxiliar virador de páginas do lente, se houvesse vaga na URUBU bem entendido, e então com a carta de recomendação na mão tentar uma bolsa de pós-doutorado das fontes oficiais, não sem antes assinar um contrato de trabalho irrevogável, improrrogável, e vitalício.

Quando ouviu isso, o Feldspato quase disse o que seu pai teria dito: “Tenha uma boa vida.” (O pai, porque o avô, que era mais estourado, teria dito “Para mim, essa sua

escrivaninha já está embaixo da terra.”) Quase disse. Porque na hora tudo se passou como se nada se passasse, e ele falou mais com a voz da mãe, a Senhora Feldspato. “Ah, é? Então eu vou fazer isso que o Sr recomendou e depois eu volto.” Mas não fez, nem voltou, é claro. Em vez de seguir o conselho do professor, ele seguiu o exemplo do Ourinhos.

Da turma toda, o Ourinhos era o melhor engenheiro. Nunca se formou. Por ser bom engenheiro, ou por não jogar truco. Era pena que não soubesse blefar, porque entre o Ourinhos e o Madeira, teriam ganho todas. Mas não tinha tempo porque não tinha quem o sustentasse e precisava trabalhar. O Ourinhos gostava mesmo era de engenharia. Por isso desistiu de tentar se formar. O pai e o avô dele apoiaram a decisão, mas continuam tentando. Por isso ele sempre precisou trabalhar. O Ourinhos tinha um primo de uma comadre da mãe que era cirurgião de reputação internacional. Então ele pediu uma ajuda do primo para ir estudar fora. O primo claro que também não podia ajudar, era no tempo do Plano Inteiro, mas a madrinha conversou justamente com a avó do Winston. Eles sempre deram o maior apoio para as artes e as ciências, e até conheciam o Ourinhos de ouvir falar, então saiu da lojinha da família um dinheiro para a passagem do afilhado da amiga. E lá foi o Ourinhos para o Instituto de Tecnologia de Mirkwood. Dizem que se arranjou bem, teve aula até com o professor do Bill Gates, e é consultor técnico de filmes de ficção científica.

* * *

Há quem não leve o trabalho do Ourinhos a sério, que ache esse negócio de ficção científica desperdício de talento. Ou dizem que não contribui para a melhoria dos índices de desenvolvimento social. Que leiam as patentes do telefone celular flip, do robô varredor de rua, qual nome vão encontrar lá? Pois é. Daí dizem que causa desemprego, que elimina postos de trabalho de operadora de painel analógico de telefone celular, ou de varredor de auto-estrada. E quem estiver se candidatando a esses empregos, levante a mão. Não tem candidato, não é? Intelectual acha varrer rua emprego bom para filho de pobre. Ele mesmo prefere continuar como auxiliar de mestre de conferências adjunto. As idéias do Ourinhos até que não são tão ruins, não é?

Podiam ter pensado nisso naquela época, quando ele estava tentando se formar. Aliás a idéia original do celular flip tinha sido do Ostra, duvide quem quiser, mas o Ourinhos foi quem patenteou. Olha que ele tirou o doutorado sem ter terminado a graduação... Lá fora pode. Aqui, se a universidade deixar um, vai todo mundo querer, e daí como é que se vai fazer?

Foi isso que o Feldspato fez, seguiu o exemplo do Ourinhos, e virou doutor. Essa época, em que ele ficou sem notícias da Acadêmica Bertoleza e do Gigante Burocrator,

não tem muito interesse para a nossa história. Quem quiser saber do trabalho dele com o grande Zweifele, que leia a literatura científica. Está tudo disponível na biblioteca, pode ir lá ler em algum dia que não é de greve. Hoje já aparece até em paperback de divulgação. Leia na praia, fica chique.

CAPÍTULO 9

Em Bigo de Fora

O dileto leitor já deve estar se perguntando, como é que o nosso Feldspato foi parar em Bigo de Fora? É que ele tinha um contraparente, na verdade filho de um patrício do seu avô, um tal de Manuel, historiador, que era da Universidade Sideral. A Universidade Sideral estava com concurso aberto, porque quem eles ouviam lá era a Acadêmica Bertoleza, que tinha dado umas aulas para o afilhado do presidente da república. Então o presidente por gratidão mandou abrir um concurso, foi antes do afilhado aprontar aquelas aprontadas que quase custaram a treeleição, e o conselho supremo do departamento marcou a data de inscrição para o concurso para o dia 31 de abril, que era para não aparecer nenhum candidato de fora puxando uma carreta cheia de publicação internacional e tirar a vaga das pratas da casa. Só que naquele mesmo dia 31 de abril tinham marcado concurso para fiscal de bueiro federal. Feldspato ficava o tempo todo lendo artigos científicos em vez do Diário Oficial, e também não teria ficado sabendo do concurso, se não fosse o Manuel, não vou contar o sobrenome para não comprometer. O Manuel já estava sem receber fazia vários anos, então ele foi se inscrever no concurso de fiscal de bueiro federal, e descobriu que os alunos da Acadêmica Bertoleza iam todos fazer o mesmo concurso de fiscal.

Então eles não iam poder se inscrever na prova da Universidade Sideral de Bigo de Fora! Imediatamente o Manuel lembrou-se do neto do amigo do pai, o Dr Feldspato, filho da Senhora Feldspato, que é muito capaz. Acabara de voltar dos Estados Unidos, onde estudara com o famosíssimo psicofísico Ernest Zweifele, mas estava desempregado, e precisava sustentar a família. A amizade vinha de longa data. O velho Feldspato havia se hospedado com o pai do Manuel quando chegou lá do continente antigo, com uma mão na frente e outra atrás, e uma maleta de quinquilharias inúteis que os ingleses achavam que dava para vender aqui nos trópicos. Para encurtar a história: o Manuel deu a dica, o Feldspato se inscreveu e passou no concurso. Não que ele quisesse ir para Bigo de Fora, mas se inscreveu. Como é que ele passou, isso daria uma novela.

Não é que ele tinha mais publicação do que todos os membros da banca somados? Pelo estatuto universitário da lei de processos seletivos, que exige a contratação pelo menor salário e preço, ele estaria desqualificado. Contratar ele seria quebra do decoro hierárquico, além do que aquelas publicações internacionais pelas quais ele poderia exigir

maior salário configuravam falta de dedicação às revistas de impacto social circunscrito. Mais uma vez, o Manuel foi providencial. Desistira de fazer o concurso de fiscal, que era de cartas marcadas, e ficara em Bigo de Fora naquele 31 de abril, que tinha caído no feriado de comemoração da Intentona Comunista. Como não tinha mais ninguém — quem não estava no concurso de fiscal de bueiro tinha enforcado o feriado — ele foi convocado como quarto suplente para a banca do Dr Feldspato. Isso apesar de que continuava trabalhando sem receber. Argumentando que reprovar um aluno do famoso Zweifele podia ficar muito embaraçoso, ainda mais que era o único candidato, o Manuel pôs o presidente da banca para ler o regimento e descobriu que na verdade aqueles papers todos não estavam de acordo com o edital do concurso. Constavam do memorial, mas tinham que passar para o ignorial. O edital especificava claramente que só seriam considerados trabalhos na área de fabricação da manufatura. Oportunamente seria aberto concurso em manufatura da fabricação, mas eram cátedras distintas. Foi a salvação da lavoura. Como suas publicações não valiam nada, não poderia haver obstáculo à contratação do Dr Feldspato, aprovado com a nota máxima por unanimidade da banca.

* * *

É como é que o Manuel, que já tinha até aprendido a ler edital de concurso, estava fora da folha de pagamentos há tanto tempo? Essa história dava outra novela. É que havia dois professores, o Prof e a Profa Figueiredo, do departamento de Levitação Social, que haviam trocado de gênero. Até aí tudo bem, porque a Universidade de Bigo de Fora, apesar de ficar lá no interiorzão, era uma ilha de tolerância no sertão de Piratininga. Acontece que o serviço de atendimento do departamento de digitação da seção de pessoal resolveu economizar cartão perfurado, e usar as fichas velhas, aproveitando que os dois eram casados e tinham o mesmo sobrenome e endereço. Só que isso foi no ano do apagão. Vocês lembram do bug do milênio? Aquele que foi sem nunca ter acontecido? Não aconteceu porque os matemáticos da URUBU tinham equacionado tudo. Bem antes eles tinham trocado todos os bits por transruptores ternários. Então em vez de os computadores da universidade usarem bytes de 8 dígitos binários, eles usavam bytes de 5 dígitos ternários. Dava quase no mesmo. Um pouco de confusão com os alunos escandinavos na hora de escrever os Ås e os Øs em ASCII, mas eram poucos e nórdicos, reclamavam com educação. Os computadores ficavam meio barulhentos com todos aqueles transruptores eletromagnéticos chaveando, mas era tecnologia nacional, e evitou o bug do milênio, é isso que importa. A Universidade Sideral, é claro, não ia ficar para trás, e comprou o equipamento de computação ternária quase de última geração do mesmo fornecedor que a URUBU.

O problema foi que depois do dia 8 do mês 8 do ano 88, em base nonal, viria o dia seguinte, e alguém fez algum erro na conversão da base nonal, já que 9 é 3 elevado ao quadrado, para a base decimal das calculadoras de mesa com fita perfurada. E ninguém

percebeu que ia cair na antevéspera de pré-feriado, quando a seção de compras já tinha fechado para fazer inventário anual de grafite de lapiseira. Com isso atrasou a expedição das guias de importação dos ímãs permanentes para manutenção dos transruptores. A saída foi entrar às escondidas no Laboratório de Levitação Social e pegar emprestado uns ímãs, só por umas semanas até o pessoal descansar do feriado.

O que é que isso tinha a ver com o salário do Prof Manuel? Calma, eu disse que dava uma novela. Sua mãe esperou você por nove meses, o Manuel esperou nove anos para entrar na folha de pagamento, espere você também um pouquinho.

O Prof Dedos Leves, não vou dizer o nome verdadeiro dele aqui, que por coincidência era amigo do Prof Manuel, entrou no Laboratório de Levitação Social e pegou emprestado uns ímãs permanentes. Eu falei que foi na época do apagão? Na verdade foi um mês depois. O fornecimento de energia já tinha voltado ao normal no país inteiro. Menos na Faculdade de Energia Etérea, onde ficava o Laboratório de Levitação Social. Casa de ferreiro, espeto de pau. O brincalhão Dedos Leves levou numa boa. Além da facilidade em abrir cofres, pela qual ele era justamente famoso, enxergava bem no escuro. Mas com isso ele se enganou, e em vez de pegar emprestado uns ímãs de transruptor ele pegou ímãs novos, de neodímio-praseodímio. Esses ímãs eram muito mais fortes, e o Dedos Leves, experiente como era, teria logo percebido pelo código de cores. Só que os ímãs de neodímio estavam pintados com faixas de cores trocadas, justamente para confundir alguém que viesse se apoderar dos ímãs alheios aproveitando que o laboratório estava fechado por causa do apagão do semestre anterior. O Dedos Leves pegou os ímãs preto preto preto de dentro do cofre, pensando que eram os 000 que precisava e que ficavam dentro do cofre para despistar, e que os caríssimos ímãs branco branco branco estavam na gaveta cuja chave ficava embaixo do tapete. Não tinha como imaginar que os técnicos do laboratório iam justamente deixar os caríssimos ímãs 999 dentro do cofre!

Então o encarregado de manutenção do serviço de atendimento do departamento de digitação da seção de pessoal pôs os superímãs de terras raras nos transruptores recauchutados do computador ternário. Deu no que deu. Travou um trit. Quando foram digitar a troca de números funcionais do Professor e de Professora Figueiredo, em vez de entrar com os dados todos de novo, forçaram a alavanca para destravar o trit e esbarraram com o cotovelo no transruptor do banco de memória da ficha do Prof Manuel. Isso fez um furo a mais no cartão perfurado e não tinha mais como imprimir o holerite. Por vários meses ele ia sempre para as repartições pedindo para corrigir o erro. Ouvia sempre a mesma resposta:

— Professor, o Sr está coberto de razão, mas só podemos estar fazendo a alteração com autorização judicial. Folha de pagamento é questão a nível de Educação Moral e Cívica, da Organização Social e Política do Brasil. O Sr esteja adquirindo, através de

seu advogado, um mandado judicial expedido pelas autoridades competentes, e esteja trazendo cópia em papel timbrado da Universidade Sideral de Bigo de Fora, que nós estaremos tendo o maior prazer em estar atendendo o Sr.

O Professor Manuel, sempre polido, agradecia, e se dirigia ao Setor de Papel Timbrado da Repartição de Carimbografia.

— Por favor, vocês poderiam me informar como é que posso obter o papel timbrado oficial?

— Professor, para nós estarmos expedindo o papel timbrado os Sr esteja fazendo o favor de estar voltando munido de cópias de todos os seus holerites.

— Mas eu justamente estou estando sem receber o holerite há 9 anos. O que posso fazer? — perguntava.

— Aí, professor, o Sr tem que estar se dirigindo à nível do serviço de contra cheque.

O Manuel desistiu. Ele era homem de poucos luxos, pai de família criada, não precisava do salário. Além do quê, dispunha de certos recursos. O avô do Feldspato, depois que se estabeleceu no comércio de guarda-chuvas, tinha mandado vir uma vaquinha lá da Bessarábia e deixado no sítio do pai dele. O tempo foi passando e ele herdou uma meia dúzia de três ou quatro vaquinhas. Os vizinhos vinham tirar o leite e traziam feijão e milho da roça. Passar fome, não passava. E tinha os direitos autorais do livro didático dele sobre a República Popular do Brasil. Rendiam pouco, mas ajudavam com a conta da internet, que era a maior despesa.

* * *

Até que não receber tinha lá suas vantagens. Quase todo dia tinha reunião, conselho, colendo comitê, banca, conselho supremo, praesidium, comissão de celebração de efemérides..... Quem ia, ganhava um lanchinho. Quem faltava, perdia um dia de salário. Por isso era tão raro ver professor dando aula. Como estava sem receber, não havia como cortarem o ponto. Então o Manuel podia dar aulas, que é o que ele gostava de fazer. Até tentaram impedir ele de gastar giz, mas daí ele disse assim:

— Sou professor, e só paro de dar aulas morto ou encarcerado. Se dar aulas sem receber é crime, que chamem a força pública para me levar para longe da sala de aula.

Ficou por isso mesmo. Então o Manuel até achava graça em não ser pago, o mais chato era quando os colegas ficavam perguntando se o caso estava resolvido, sugerindo o

nome de um bom advogado conhecido do pessoal do sindicato, essas coisas. O Manuel não tinha muita paciência para isso, e o caso foi se arrastando. E vocês sabem quem acabou resolvendo a pendenga? É isso mesmo, o Dr Feldspato. Doutor só não, o Ilmo Sr Professor Dr Feldspato.

CAPÍTULO 10

Sem fazer barulho, o mar apaga

Só que fiquei devendo contar para vocês sobre a Carolina. Ela não tinha paciência para fazer prova, então não entrou na URUBU. Não é que ela estudou exatamente na Universidade Sideral do Bigo de Fora? Justo ela, que era meio tímida, foi estudar assim tão longe de casa. Mas não mudou em nada, não se preocupem que essa história tem final feliz. Como todos nossos personagens, depois de se formar quis continuar estudando. E quem foi orientá-la? Agora vocês acertaram: a Acadêmica Bertoleza, Catedrática da Escola Profissional do Ofício da Filosofia da Universidade Rupestre do Boupinel.

(O leitor atento há de perceber que a faculdade mudou de nome, depois da Revolução Popular. Plus ça change, plus c'est la même chose. Quem sempre repetia isso era o Winston.)

A Carolina sofreu muito preconceito lá. Primeiro, tinha se formado em Bigo de Fora, não era da casa. Segundo, a família era meio religiosa, e o pessoal da escola não aceitava isso. O problema mesmo é que ela era mulher, e mesmo assim não gostava de aceitar ordem e fazer a mesma coisa que todos os outros estavam fazendo. Não sabiam dizer se ela era branca com cara de preta, ou preta com cara de branca. Não se encaixava em nenhum departamento, e acabavam a tratando mal. Só quem apoiava era a orientadora, a Acadêmica Bertoleza. Não adiantou o apoio, porque ela estava a beira de um ataque nervoso e desistiu.

A filha acha que não ela não saiu perdendo nada. É, porque o nosso Prof Dr Feldspato ficou sabendo de tudo isso pela filha mais velha da Carolina, que é música, compositora e concertista de renome internacional. Faz tournées, até sai em reportagem do Fantástico, mas como é teimosa — puxou a mãe — não canta música sertaneja e não consegue pagar as contas só com os concertos. Então ela dá aulas de música. Foi assim que o Feldspato a conheceu.

Depois de suas aulas o Feldspato pegava a filha no jardim da infância. No fim da tarde era a aula de música. Ele conhecia a professora, trocavam palavras cordiais, mas nem a fisionomia nem o nome eram familiares. Certo dia convidara o Edson para jantar em casa. O trânsito estava horrível — Bigo de Fora já estava ficando tão insuportável

como o Boupinel. Abandonaram o carro no meio da auto estrada e foram a pé, então chegaram adiantados na escola. Ainda no final da aula de música. A professora ao piano entretia a molecada com o segundo de Brahms, assobiando a parte orquestral. Feldspato e o Edson olharam um para o outro, espantados. Não dava para não reconhecer a voz. Era a filha da Carolina. Depois da aula fofocaram um pouco. “Edson, você não era o amigo da Aviva, que estudou medicina e virou ortodoxa?” Conheciam poucas pessoas em comum. A filha contou que quando a mãe foi fazer pós-graduação no Boupinel ela era criança, a mãe tinha um emprego, e o chefe dela também queria o título de mestre. Um dia se saiu com essa tentativa de piadinha: “E aí, Carolina, é verdade que para tirar o diploma de mestre lá no Boupinel tem que tirar a roupa para o bedel?” A Carolina contou para a filha sua resposta: “Eu não sabia, você tirou?”

“Acho que está faltando um maior desenvolvimento psicológico dos personagens.”

“Queria entender melhor os sentimentos desse povo aí do Boupinel.”

“Puxa, nessa história não vai acontecer nada?”

Será que ainda tenho algum leitor esperando revelações surpreendentes, segredos íntimos, amores impossíveis, paixões inconfessáveis? Nossos personagens são geeks. Compreendem as regras do jogo, calculam probabilidades, tomam decisões com informações incompletas, e arcam com as conseqüências. Maktub. São felizes, ou na pior das hipóteses conformados. Contrapõem às imperfeições do mundo umas eventuais excentricidades. E as famílias felizes são todas parecidas. Não há nada de original a contar.

Alguns leitores de novela aparentemente esperam descrições da vida interior dessas criaturas. Ou pelo menos detalhes pessoais, relatos dos seus amores e relacionamentos. Tenho bola de cristal, sei ler pensamentos? Não sei nada sobre isso, como poderia?

Mesmo que soubesse, não contava. Nada teria a contar. Nada que pudesse persuadir o perspicaz consumidor de livros a se despedir de dois tostões ganhos arduamente. Então não conto.

* * *

Só uma coisa deixava o Feldspato um pouco triste. Tinha saudades dos colegas dos velhos tempos, o Ourinhos, o Madeira, a Carolina. O Edson, até que encontravam-se mais, porém o Winston, a Aviva, o Ostra, aquele povo todo disperso. Às vezes lembrava-se dos amigos de antigamente, e deixava escapar uma lágrima molhada. Isso sei, porque vi com meus próprios olhos.

Pronto. Não queriam uma passagem piegas? Foi essa aí. Agora chega. Queriam mais? Vão ligar a televisão mexicana. E não põem o volume muito alto que tenho uma equação a derivadas parciais para resolver.

CAPÍTULO 11

Impressões digitais

Mas como foi que o Feldspato resolveu o problema do compadre Manuel? Essa história não pode aparecer por escrito, ia deixar impressões digitais em todos os cantos. Vamos ver o que é lícito contar.

O dileto leitor bem sabe que é proibido aos docentes ler os estatutos da escola. Qualquer violação é imediata e rigorosamente punida pelo Ofício da Dialética Inquisição. É bem conhecido o caos que resulta se cada docente resolve interpretar por conta própria o arcabouço de diplomas legais que fundamentam a ordenação da personalidade jurídica, e por que não dizer, estatutamentária, que sabe-se constitucionalmente inalienável à consecução das atividades-fins regimentais de uma instituição com a relevância que, indubitavelmente, se confere de maneira indissolúvel, inalienável, indevassável, à Universidade Rupestre do Boupinel, digo, à Universidade Sideral de Bigo de Fora. Nos termos da lei. Data venia. Revogadas as disposições em contrário. Seria impossível a resolução das singularidades. Configurar-se-ia inadiavelmente uma dissolução de continuidade, uma extroversão da sensibilidade às condições iniciais. Seria o caos. Um óbice estatutário e regimental à consecução das atividades fins.

Por isso mesmo, a leitura dos estatutos ficava reservada aos catedráticos. Nem havia caso em viva memória da concessão da cátedra a quem não fosse capaz de citar os estatutos de memória, justamente para evitar que algum exemplar impresso pudesse se extraviar e cair em mãos subversivas. Exemplar impresso havia, mas impresso em tinta invisível, escrito em javanês, guardado a sete chaves. Guardado onde? Isso eu não sei, tem que perguntar para O..... como é mesmo o nome dele? O..... você sabe, O cara que trabalha com O sócio da oficina do vidraceiro.

“Com O sócio da oficina do vidraceiro? Aquele funcionário que não é muito assíduo, O que sabe a combinação do cofre onde ficam guardados, junto com o projeto de arquitetura do campus, os passes de ônibus e os tickets refeição para uso exclusivo dos catedráticos nas ocasiões solenes?”

Isso, com O sócio da oficina do vidraceiro, aquele funcionário que não é muito assíduo, O que sabe a combinação do cofre onde ficam guardados, grampeados junto com os floppy

disks de 8 e meia polegadas contendo o projeto de arquitetura do campus, os passes de ônibus e os tickets refeição para uso exclusivo dos catedráticos nas ocasiões solenes, e cuja chave fica escondida embaixo do tapete na frente do armário da sala de reuniões do Clube Universitário Sideral.

“É, ele não tem essa informação, O sócio da oficina do vidraceiro?”

Sabe-se lá, quem vai encontrar ele para perguntar? Não é você mesmo que disse que ele não é muito assíduo? E olha que você usou um tremendo eufemismo. Se é que já soube, deve ter esquecido. Quando alguém precisa abrir o cofre, pede ajuda para o Prof Dedos Leves. O segredo mais mal guardado do campus é que o Dedos Leves é bom em abrir cofres. As impressões digitais analógicas dele estão em toda parte. Porque não é só em abrir cofres que o Dedos Leves é bom. A manutenção do sistema elétrico e pneumático do campus todo, quem faz é o Maxwell.

Pronto, contei quem é. Ele mesmo. O Maxwell Júnior! Filho do Prof Maxwell e da Quarta Lady Maxwell. Não há mais motivo nenhum, se é que já houve, para manter o nome dele em segredo. Todos sabem que a manutenção do campus é ele que faz, de manhã cedo, das 8 às 10, durante o intervalo para o café que inicia o dia de trabalho. Age anticonstitucionalíssimamente. Em flagrante contravenção à Lei de Licitações, ao Estatuto do Funcionalismo Público. Em arrepio à Convenção Sindical e ao Pacto de Varsóvia. Se não fosse a contravenção, nada funcionava.

O Prof Maxwell Júnior tira férias metodicamente, sempre um mês, na época da seca. Se chove, a força cai, e os computadores que não são de manivela só voltam depois do fim das férias dele. Então os funcionários do Departamento de Diplomas Estatutários e Outros Óbices Legais à Consecução das Atividades Fins, que fundamentam a ordenação do arcabouço jurídico da Universidade Sideral de Bigo de Fora, nunca tiram férias nesse mês, porque se dá sorte e cai uma chuva no começo, os computadores param e é um mês inteiro sem ter o trabalho de arrumar desculpa para não fazer nada. Mas quando o Ofício da Dialética Inquisição está aberto, com pessoal completo, ninguém de férias, nunca acontece nada de irregular na universidade. Se acontecesse qualquer coisa de irregular, eles veriam, fariam uma inquisição acadêmica. Se não viram, nem fizeram, é porque nada de irregular aconteceria. Tudo se passava como se nada tivesse se passado. Como sempre.

CAPÍTULO 12

Litanias estatutamentárias

Agora tudo já deve estar se esclarecendo. O Prof Feldspato é muito capaz. Acaba de voltar dos Estados Unidos, onde estudou com o famosíssimo psicofísico Ernest Zweifele. É o filho da Senhora Feldspato. A irmã dele é médica. Bom, ele tem uma grande dívida para com o Prof Manuel. A dívida da Universidade Sideral de Bigo de Fora, é bem certo, era ainda maior, e podia ser medida em moeda corrente, sujeita a juros compostos e correção monetária. O que ele fez?

Aproveitou a viagem anual do Maxwell, quando os burocratas nunca tiravam férias, isto é, não estavam fazendo nada. E se apoderou do original das Litanias Estatutamentárias — essa era a perfeita e fidelíssima tradução do original javanês. E como é que ele sabia? Javanês, imaginem! Se não tinha se interessado nem pelas noções elementares da gramática latina..... A memória holográfica do Edson foi providencial. Não que ele soubesse javanês, é claro — vocês se recordam que só ia às aulas no anfiteatro para pegar uma palha.

— Lembra que a Carolina ficava lendo poesia na aula de Contabilidade?

— Claro que lembro! Eu fazia aviãozinho de papel, e você, que tinha puxado Dattoloscopia porque em casa era difícil dormir sossegado, calculava a trajetória resolvendo as equações de Navier–Stokes.

— Não sei se eu teria colocado nesses termos, mas a Carolina lia e escrevia o javanês fluentemente. Será que.....?

— Edson, você é um gênio! Bom, isso não chega a ser grande novidade. Vamos perguntar!

Dito e feito. A filha da Carolina já tinha até composto uma ópera infantil em um ato e meio a partir de um libreto javanês. Destroçou a Lítania Estatutamentária. Agora os três eram os únicos que tinham a mínima noção que fosse do conteúdo do documento.

“Alô. Pronto? Se ainda está em cartaz? Está sim, domingo às 14 horas no Teatro da Barafunda. Falada e cantada em português, não precisa saber japonês não. Estão disponíveis sim. Imaginário? As entradas podem ser pagas em imaginários, mas por favor traga a gorjeta do lanterninha em real. Espere um pouco, vou ver se desligo o programa de transcrição de voz. Não estou encontrando o menu.... Bom, deixa para lá. Eu mesmo, depois que saiu o Plano Complexo os professores estão tendo que fazer bico. Ah, por favor chegue na hora, vamos ser rigorosos com o horário de entrada para não perdermos o início. Isso mesmo, um ato e meio. Tem uma música do Chico sim, mas o fiscal da censura está sendo camarada, pode trazer as crianças.”

Onde estava mesmo? Ah, o salário atrasado do Manuel, e as Litanias Estatutárias. O Feldspato se apossou delas, de maneira absolutamente regular, apesar de não ser catedrático, pois nada de irregular acontecia sob a vigilância implacável do Ofício Dialético, que aliás nunca tomou ciência. De posse das Litanias, deu dois telefonemas. Logo os atrasados começaram a aparecer na conta do Manuel, e em dinheiro real e não imaginário, porque era salário antigo. O incrível é que isso não deu problema nenhum.

Teve alguém da Física, acho que do curso de gandula do departamento de futebol se estou bem lembrado, imaginem só, um lídimo defensor de teses vanguardistas, que propôs instaurar uma comissão para investigar se o Maxwell estava tirando férias fora do período registrado na Carteira de Trabalho e Ócio. Um telefonema para o Winston na Federação de Futebol resolveu o problema antes que surgisse:

— Feldspato, há quanto tempo! Claro que lembro. Não fiz o curso do Prof Maxwell, mas sempre que o carro do Ourinhos quebrava era o Júnior quem dava um jeito. Fazia milagres! Senão a gente não chegava na cidade. Comissão ad hoc? Subcomissão com objetivos bem definidos? I’ve seen this movie, I know how it ends. Wake me up for the car chase. Pode deixar comigo. Departamento de Ciências Gandulares, você falou, certo? Muito. Muita correria, mas me convida que eu vou.

E convenientemente..... o Feldspato nem era catedrático. Então não precisava nem ir a reuniões nem participar de comissões. O Edson, por exemplo, tinha que ir, senão cortavam o ponto. Não que fizesse diferença, pelo que ele ganhava, mas acabava tendo que ir. Já o Feldspato ficava na sua sala de 17 tatamis, sentado numa almofada no chão. Quem queria falar com ele, tinha que tirar o sapato antes de entrar. Na sala tinha um belo goban em madeira de lei renovável, cultivada na reserva extrativista indígena sustentável do Alto Xingu.

Mas onde se encontram as Litanias? Para quem ele deu os telefonemas, o que disse? E como conseguiu burlar as regras do Serviço de Licitações Arquitetônicas? Como tinha forçado a Consultoria Jurídico-Financeira a aceitar a doação de material permanente sem

ônus nenhum? Mais incrível, como é que o Serviço de Chapinhamento tinha consentido em despatrimoniatar os cupins da mobília nova antiga comprada pelo critério de menor preço?

Isso eu não sei responder. Só o Feldspato sabe. O Edson, a filha da Carolina, só quiseram ajudar, não estão nem aí. Quem tem acesso ao texto original javanês é o Feldspato. Nunca me contou nada, nem vai contar. Para minha própria proteção — e dos meus amigos, ele sabe que falo mais do que devia. Sou-lhe muito grato pelo laconismo. Se o leitor soubesse o que sei, também seria. Agradecido. Muito. Grato. Podes crer.

“Você está falando tanto do Edson, não vai me dizer que ele também era da Bigo de Fora. Até o Edson?”

Desculpe a confusão, posso esclarecer. O Edson já era catedrático da URUBU. Semana sim, semana não, grevistas no portão. Fechavam a entrada. Quando tinha greve, ele visitava o tio em Uberaba para ler email. Daí aproveitava para fazer uma visitinha a Bigo de Fora, que ficava perto.

* * *

O Prof Feldspato havia memorizado as Litanias Estamentutárias para quebrar um galho do padrinho Manuel. Mas agora que já tinha feito o esforço, botou para quebrar. Pintou e bordou. Foi revogada a Lei da Fidelidade Partidária, que previa a cassação da cátedra em caso de falta de coerência ideológica, mas não tinha suporte estatutamentário. Os funcionários do Tribunal do Acadêmico Ofício foram realocados, então é bom continuar tomando cuidado. Iniciaram o pagamento da pensão para o filho do Benê, desapareceram os óbices legais. Coitado do Benê, depois que ficou doente os colegas o abandonaram, parece até que tinham medo de contágio. Resolveu-se a questão do curso de javanês, que ficava pulando para o Departamento de Letras Orientais e de volta para o Departamento de Letras Clássicas a cada reunião do conselho. A disciplina “Fundamentos de Polpotismo à Distância II” deixou de ser obrigatória para os alunos de bacharelado. Foi terceirizado o fornecimento de energia solar. Com a firma de um orientado do Maxwell, a conta vinha em crédito, dava o maior lucro. E a bolsa de pesquisa do Maxwell, que tinha sido indeferida por falta de relevância quanto aos três eixos patrióticos, sociais, e psico-históricos, voltou.

Estou usando os verbos na voz passiva porque fazer o Feldspato não fez nada, pelo menos não pessoalmente. Ele não era catedrático, então ficava sentado na sua sala, e de vez em quando mandava uns bilhetinhos aludindo às litanias, que resolviam todas as questões.

“Bilhetinhos manuscritos? Xi, parece coisa do Jânio.... E o que diziam esses bilhetinhos, você vai contar?”

Diziam o indizível, o que é místico. O Feldspato havia, por assim dizer, jogado a escada fora após ter galgado seus degraus. Não há o que falar sobre os bilhetinhos. E o que não se tem com quem falar, deve-se calar, como dizia um filósofo continental, da cupincharia do Zweifele, cujos livros haviam sido banidos do Boupinel. Só imagino que tivessem algo a ver com o teorema da indecidibilidade. Afinal de contas, as litânicas eram perfeitas. Resolviam todas as questões pendentes. Todas. Resolveram, resolviam, resolverão. De uma maneira única. Completa. Verdadeira. Ontem, hoje, e sempre. Verdadeira e falsa. De uma vez por todas. De geração em geração. Única. Falsa e verdadeira. Sem contradições. Além do bem e do mal. Duas. Ou três. Era só escolher. Através dos bilhetinhos. Ou não. Com cuidado. Lembrem-se, o Feldspato é quem conhece bem o trabalho de Zweifele.

* * *

O melhor de tudo eram as oportunidades de encontrar com os antigos colegas. O Winston vinha dar palestras. A Carolina vinha visitar a filha, o Ostra vinha discutir uns projetos. Após vagar por décadas nos vales das sombras de Mordor, o Madeira estava de volta ao Brasil, entrara para a vida acadêmica. O Ourinhos apareceu para ser homenageado pelos alunos formandos — justamente do departamento que o reprovou pela última e derradeira vez. Sem rancor — de nenhum dos lados. Como é que pode? Feldspato sorria satisfeito.

“Como assim sem rancor? Como é que çê sabe? Çê mesmo botou aí que não tem bola de cristal pra ler pensamento. Que que tinha que reabilitar aquele comunista desgraçado que depois foi votar contra a Movimentação? Depois vem dizer que é sem rancor? Pra que que foi botar aí o nome daquela bicha? Quando tá cheio aí de companheiro desempregado aí comendo o pão que o diabo amassou por conta dessa porcária aí de energia .e.c.o.l.ó.g.i.c.a. de outro planeta, importada aí do Sol, sei lá de que país que eles traz essas fonte de energia privatizada esses fio....”

Mil desculpas. Vocês sabem como é essa tal de world wide web. É difícil moderar as intervenções de um camarada mais exaltado. O bom da internet é que qualquer palhaço pode publicar o que quiser. O bom da democracia é que ninguém é obrigado a ler. Pensem nisso na hora da eleição.

Eu mesmo, vou fazer um backup, instalar no sistema uma atualização de segurança do antivírus. Dou um dump de ordem zero e semana que vem volto.

CAPÍTULO 13

/sbin/dump -0 -f /dev/papr/acidfree

Foi sem rancor sim. Como não ia às reuniões, o Feldspato não tinha inimigos. Quando os dois se cruzavam no corredor, não deixava de cumprimentar nem o Prof Lúcio Flávio, que tinha ficado sem cadeira depois que retiraram Polpotismo da lista de disciplinas obrigatórias, e agora era coordenador da comissão de estudo de restauro dos floppy disks de 8 e meia polegadas grampeados com o projeto arquitetônico e os passes de ônibus. Se dava com todos. Tinha grandes papos, imaginem, com a Acadêmica Bertoleza, que sempre que passava por Bigo de Fora para participar de uma banca de livre-docência arranjava tempo para tomar café, jogar conversa fora, e ficar empurrando madeira. Para quem sabe como se arrasta uma banca livre de decência, é claro que arranjar tempo era o de menos.

— E aí, Quartz, continua jogando Go? — Chamava-o pelo velho apelido.

— Ando meio fora de forma, Dilema — usava o primeiro nome da Acadêmica, que poucos conheciam — mas puxa uma almofada aí e conta as últimas lá do Boupinel. Melhorou o trânsito com o metrô novo?

— Ih, nem te conto. Com essa inflação, ninguém pega metrô, que tem que pagar na entrada. Vão todos de táxi, para ficar no celular aplicando durante a corrida. O que tem de táxi abandonado quando o motorista não consegue encher o tanque porque acabou a bateria do celular do passageiro..... O trânsito agora é que piorou de vez. Mas falando em celular, vi o novo filme que o seu colegas de turma produziu, aquele que fez concurso para juiz de futebol.

Foi ficando tão amigo de todos, que aos poucos foi tendo que fazer coisas que preferiria deixar para que os outros não fizessem. Bancas, comissões, premiações, cerimônias, esse tipo de atividade. Não havia como dizer sempre não. A contragosto, sobrava cada vez menos tempo para os alunos. Foi dando cada vez menos aula — até que a carga horária chegou a um nível tão ínfimo que foi promovido.

Depois que virou catedrático pendurou na sala uma ampliação enorme aquela fotografia famosa do orientador, o grande Zweifele, sentado ao cravo, martelo na mão, batucando com notas, todo feliz. Gozador. Irreverente. Livre. Mas aí já era tarde.

* * *

Um dia recebeu uma ligação do Madeira, o colega de turma, que agora tinha entrado na vida acadêmica.

— E aí, Quartz, não quer vir aqui na Faculdade Nova e dar umas aulinhas sobre aqueles osciladores que a gente construía nos tempos de escola? Quarta feira?

— Não posso, — respondeu — quartas feiras tenho que ir de táxi buscar uns envelopes para levar à reunião da comissão preparatória para o Evento Comemorativo do Milésimo Septingentésimo Vigésimo Nono Dia da Gestão da Comissão de Comemoração de Efemérides, com os Professores Lippy e Hardy.

Desligou chorando. Lágrimas secas. Tinha conseguido. Finalmente. Amava o Gigante Burocrator.

FIM